

A MEDICALIZAÇÃO DO MAL-ESTAR: A ESCUTA PSICANALÍTICA COMO UM MODO DE RESISTÊNCIA

*Mylena Perez**

*Nilda Martins Sirelli***

RESUMO

Discutimos, ao longo desse artigo, o lugar do mal-estar observado na contemporaneidade, sua relação com a cultura e com a constituição do sujeito. Analisamos a teoria freudiana sobre a constituição do psiquismo, situando o lugar do outro como ponto de origem do aparelho psíquico e, posteriormente, apresentamos uma visão sociológica da pós-modernidade e suas principais características, para a partir daí travar um debate sobre a medicalização do sujeito pós-moderno como tentativa de calar o mal-estar que lhe é constituinte. A escuta psicanalítica surge como lugar de oposição e resistência à tentativa de calar o sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade. Mal-estar. Medicalização. Escuta.

Introdução

No presente artigo discutimos a constituição do sujeito e sua articulação com a cultura para pensarmos o mal-estar dito contemporâneo. Para tal, fazemos uma breve apresentação do cenário pós-moderno e discutimos acerca da sua relação com os sofrimentos próprios ao nosso tempo. Analisamos assim, a visão de que a cultura pós-moderna seria fonte de sofrimentos até então inéditos, ou intensificaria o mal-estar. Os tempos atuais nos trazem o vislumbre confuso de uma apresentação quase epidêmica de uma série de "transtornos mentais". Podemos observar diariamente, tanto em nosso convívio pessoal – seja de trabalho ou familiar – quanto no que nos é exposto pela mídia, uma grande proliferação das síndromes do pânico, dos transtornos de ansiedade, dos déficits de atenção e das depressões, concomitantemente com o surgimento de inúmeros novos vícios. O sujeito pós-moderno apresenta-se a nós como alguém em extremo sofrimento, que busca de tudo e em todos os lugares maneiras mais eficazes e rápidas de extinguir a dor que o assola não importa aonde vá, o que faça, ou quem seja.

Essas características dos tempos atuais vêm sendo estudadas desde o final do século XX, principalmente pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky e pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Em *Modernidade Líquida*, Bauman (2000, p.9) designa, metaforicamente, ao tempo em que vivemos a qualidade “fluida” dos líquidos e nos mostra que, ao adquirir essa característica, o sujeito e os conceitos que conhecemos por individualidade, emancipação, trabalho e comunidade, dentre outros, adquirem novas formas.

Observamos, na sociedade contemporânea, profundas transformações tomando lugar e acreditamos ser papel da Psicologia como campo de pesquisa científica analisar e buscar entender a forma como algumas dessas transformações afetam a vida psíquica, e se podem ou não dar lugar ao sofrimento do sujeito.

Na era da modernidade, tradições, instituições, trabalho, projetos de vida, tudo isso se mantinha fixo, contendo em si uma ideia de "linha de chegada". O sujeito tinha, em seus objetivos, um "meio" e "fim" a serem atingidos, afinal, havia uma estabilidade, um projeto ou uma direção pré-determinada a ser seguida. No entanto, Bauman (2000) nos diz que na civilização pós-moderna, pouco pode ser pré-determinado e nada é irrevogável, fazendo assim com que nenhuma derrota seja definitiva e nenhuma vitória seja permanente. Ao nos debruçar sobre as mudanças da sociedade contemporânea, observamos que é esperada e exigida do sujeito uma nova postura, diferente de outras épocas da história. Não mais se

espera dele que siga as tradições antigas, familiares e culturais, no entanto, espera-se que acompanhe as inúmeras mudanças de paradigma que se dão no cenário da pós-modernidade.

Passamos também, para a construção desse artigo, pelo estudo da forma como a psiquiatria contemporânea e a psicanálise percebem o sujeito e seu sofrer. Partimos do pressuposto de que o sofrimento psíquico do sujeito pós-moderno é a todo instante medicalizado, patologizado e catalogado pela medicina e suas variantes. Assim, vemos a subjetividade, via de regra, ser tratada como secundária e ser menosprezada frente à visão organicista e biológico-anatômica. A medicalização arbitrária do sujeito e a corrida hipermoderna por uma solução que dê fim ao seu sofrimento são abordadas, assim, como forma de entender o modo como a sociedade pós-moderna lida com o sofrimento psíquico.

Nesse artigo, procuramos entender a que nível estaria a cultura pós-moderna relacionada aos sintomas vistos na sociedade atual. Perguntamo-nos ao longo desse estudo, se seria então possível estabelecer essa conexão, e como isso poderia ser exemplificado na sintomática psicopatológica atual.

Em "O mal estar na civilização" (1930), Freud qualifica o sofrimento como sendo algo arraigado à sociedade, o mal-estar, o incômodo gerado pelo outro, todos esses conflitos como tendo algo de originário e ineliminável junto à vida do sujeito na civilização. Freud postula ser "(...) impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (...) de instintos poderosos"(1930, p.60). Dito isso, o mal-estar foi e estará sempre presente, afinal, é constituinte de qualquer civilização em qualquer período de tempo. E à vista disso, buscamos compreender alguns sintomas atuais, fontes de sofrimento para o sujeito, e sua possível relação com a cultura e a organização contemporaneidade.

Gilles Lipovetsky nos diz em sua obra "A Felicidade Paradoxal" (2006), que, como civilização, não caminhamos para uma extinção dos valores, como se poderia pensar, mas para uma "fragilização dos indivíduos". Para Lipovetsky (2006, p.149) "a sociedade do hiperconsumo é contemporânea da espiral da ansiedade, das depressões, das carências de autoestima, da dificuldade de viver". Observamos, no presente artigo, como se apresenta, então, o sofrimento do sujeito na atualidade, não preconizando a cultura pós-moderna e suas transformações e organização como causadoras de sofrimento, e sim, enxergando o plano cultural e social pós-moderno como principal via de troca, extração de satisfação e representação de conflitos e sofrimento psíquico do sujeito.

Como forma de entender a cultura, o social, e sua relação com o sujeito por um viés psicanalítico, realizamos, no presente artigo, uma revisão bibliográfica. Nos apoiaremos, para entender e desenvolver melhor o tema, em certas teorias da construção do aparelho psíquico de Freud, principalmente do Super-eu, que se encontram no texto "Dissecção da Personalidade Psíquica" (1933), abordando também, posteriormente, as concepções presentes em "Psicologia das Massas e Análise do Eu" (1921). Teremos ainda, em Calazans, Quintella e Roudinesco, uma base para a discussão da medicalização do sujeito e para uma análise da diferença da visão da psicanálise e do olhar médico quanto ao sofrimento do sujeito. Destarte, articularemos as principais noções freudianas relacionadas à cultura e ao sofrimento psíquico com as concepções e pensamentos de dois dos maiores expoentes no estudo sociológico do tema, numa reflexão sobre a organização e transformação da sociedade que vem tomando lugar na contemporaneidade e o sofrimento psíquico que observamos nesse tempo.

Sujeito e Cultura: A função do social na constituição do sujeito

Observando como o sujeito se articula com a civilização, podemos perceber uma clara influência do fator social na sua construção subjetiva. Seus juízos de valor, ideais e identidade, todos esses passam por um "filtro cultural" à medida que o sujeito se constrói. O homem constrói-se assim, com quase nada tendo sido dado a priori. Sendo a todo o momento, perpassado pela cultura e pelo outro. Um outro que, assim como ele, é também continuamente inserido na teia da subjetividade, que em igual medida os constrói e é por eles construída.

Em seu texto "O mal estar na civilização" (1930), Freud nos mostra o quanto o Eu encontra-se ligado ao plano social, de forma até mesmo originária, se é assim possível dizer, quando diz que, inicialmente, nosso Eu: "abarca tudo, depois separa de si um mundo externo. Nosso atual sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente (...), que correspondia a uma mais íntima ligação do Eu com o mundo em torno" (1930, p. 19). É inegável, portanto, a relação entre sujeito e cultura, o que nos faz perguntar: Qual seria o lugar da cultura na formação do sujeito? Qual seria, em nós, a função do social na construção psíquica da subjetividade?

Para encontrar um elo entre a cultura e a formação do sujeito, partimos dos primórdios dessa relação, não do nascimento, mas do surgimento do psiquismo, quando lembramos que para Freud, o psiquismo é constituído através do outro, do semelhante. Acerca dessa dinâmica do outro na origem da psique, Freud aponta o "complexo do próximo", sobre o qual Sirelli (2014, p. 51) nos explica que, frente ao desamparo, é necessário "(...) um outro que venha ao auxílio do bebê (...) não só para se ocupar dos cuidados básicos, como higiene e nutrição, mas

para inseri-lo no campo do humano, da linguagem, da erotização, das trocas e intercâmbios sociais." Observamos nesse contexto o desamparo do bebê, que se não tiver um outro que lhe tome, está fadado à morte, portanto só a partir dessa primeira experiência com o semelhante o recém-nascido é incluído no campo da linguagem, no aparato social.

Entendemos assim, que o outro não tem aqui um papel apenas de espectador e facilitador da construção do sujeito, mas de elemento fundador do psiquismo e introdutor do bebê no plano cultural, que abrange um lugar para além de si mesmo. Quanto a isso, vemos que: "A satisfação depende do próximo, estando o sujeito humano marcado pela relação com o outro; é por meio dele que se dá a primeira apreensão de realidade pelo sujeito" (SIRELLI, 2014, p. 51). A partir dessa premissa, entendemos ser o outro responsável pelo primeiro traço de memória do bebê, inscrição essa que funda a psique do sujeito.

Desde o nascimento, por exemplo, a relação do bebê com a mãe, nos parece extremamente ambígua. Freud nos diz que "o bebê lactante ainda não separa seu Eu de um mundo exterior (...) aprende a fazê-lo aos poucos, em resposta a estímulos diversos." (1930, p. 18) É dessa relação com o outro que o bebê tem suas primeiras experiências de satisfação, através do toque da mãe, do ato de ser amamentado, do calor do copo materno, do tom de sua voz, dentre inúmeras outras possibilidades. É, contudo, exatamente nessa mesma relação com a mãe que ele tem suas primeiras experiências com o abandono e com a dor, e é a partir dessa relação que ele começa a fazer a distinção entre seu Eu e o mundo externo. Sobre esse incentivo a separar de si mesmo um mundo externo, lemos em "O mal estar na civilização" que ocorre pela frequência das "variadas e inevitáveis sensações de dor e desprazer que (...) o princípio do prazer busca eliminar e evitar(...) formando um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador 'fora'." (FREUD,1930, p. 18) Afinal, o que no outro é salvador ao bebê, é antes de mais nada, também invasivo. O encontrar um outro que lhe toma, lhe pega, um outro que não fazia parte de seu sistema e agora se faz presente, investindo algo nessa relação, é causa de mal-estar. Porquanto as primeiras experiências do bebê com a mãe, com o outro, são, ao mesmo tempo em que satisfatórias fontes de um intenso e alarmante mal-estar não antes por ele experimentado e que será classificado como "externo" no processo de construção da psique, separando o Eu do mundo em torno.

Em dado momento em "Introdução ao Narcisismo" (1914), Freud discorre sobre a dinâmica entre pais e bebê. A partir da leitura desse texto, entendemos que, desde antes do nascimento, o bebê é alvo do narcisismo parental e tem, dessa forma, desde seu nome, a toda uma identidade pensada e planejada por seus progenitores. Todos os olhares da família

encontram-se voltados para o bebê. Assim, "quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado" (FREUD, 1914, p. 25). Os pais projetam sobre ele todo um investimento que engloba desde as suas preferências, às aulas que fará, à escolha de suas futuras roupas, organização e enfeites de seu quarto, enfim, criam todo um imaginário que antecede o sujeito que está sendo gerado. Criam, muitas vezes, ideais heroicos para essa criança, resquícios de metas e sonhos pessoais que se frustraram e agora são projetados no bebê, elegendo-o como única salvação para concretização dos mesmos. Sobre a superproteção e as ideias perfeccionistas que demandam os pais do bebê, lemos em Freud que ocorre dessa forma, pois na psique parental, "as coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que conhecemos como dominantes da vida" (1914, p.25). Então, deste modo, nascendo no auge do narcisismo paternal, a criança recebe um alto investimento e deve concretizá-lo. E, à medida que os pais mais nela investem mais se crê que ela "deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, esposar um príncipe como tardia compensação pela mãe" (1914, p.25).

Porém, após o nascimento desse bebê, o investimento dos pais que foi colocado na criança aos poucos se frustra, e, com essa perda, projeta-se no futuro, dando origem a um novo ideal que o sujeito visará alcançar. Ideal esse, orientado ao mundo externo, que o sujeito imagina que virá a suprir todos os seus desejos rumo à felicidade. Quanto a essa proposição, Sirelli (2014, p. 58) nos diz que "o sujeito busca alcançar o ideal pelo qual ilusoriamente conquistaria tudo que quer, teria o que lhe falta para ser feliz e conseguiria aplacar a falta que lhe é constituinte". Desse modo, o desenvolver-se do Eu, constitui-se "num distanciamento do narcisismo primário", que se daria "através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação através do cumprimento desse ideal" (FREUD, 1914, p.33).

Ao buscarmos traçar esse inicial caminho do Eu desde o nascimento ao primeiro contato com o outro, que introduz suas primeiras experiências de prazer, satisfação, dor e sofrimento, entendemos que o sujeito não se constitui no ato do nascimento, mas sim no contato com o outro e com seu desejo. Nas palavras de Freud, em "Psicologia das Massas e Análise do Eu", "(...) Com o ato de nascer passamos do narcisismo autossuficiente à percepção de um mundo exterior variável e do começo da busca por objetos (...)" (1921, pg. 73). Esse ideal do Eu, já sendo composto pelo simbólico e pela linguagem, mostra uma articulação do Eu à cultura, instituindo e abarcando o social na constituição da subjetividade.

Buscando pouco mais a frente, em 1933, em "Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise", encontra-se o texto "Dissecção da Personalidade Psíquica", no qual Freud introduz o conceito de Super-eu. Esse conceito funciona como um dos pontos-chaves do entendimento da relação sujeito e cultura. De início, o Super-eu é composto das autoridades materna e paterna do bebê e, ao longo da sua vida, recebe a influência de outras figuras de importância para além da relação parental, secundariamente, na sua formação como instância crítica. No início, diz Freud "A influência dos pais governa a criança, concedendo-lhe provas de amor e ameaças de castigo" (1933, p. 144). No entanto, posteriormente "o Super-eu toma o lugar da instância parental e então observa, dirige e ameaça o Eu, exatamente como os pais faziam com a criança." (FREUD, 1933, p. 144) Assim, o Super-eu é pautado na consciência moral e observa a todo instante o Eu na busca de sua satisfação, julgando-o pelo ideal que este busca alcançar. A partir da leitura desse texto de Freud, temos, portanto, um melhor entendimento, não apenas da dinâmica entre Id, Eu e Super-eu como instâncias psíquicas, mas da constituição do Super-eu e de seu funcionamento, podendo ainda, como abordaremos mais adiante, observar sua ligação direta com a cultura e com o lugar do social.

Ainda em "Dissecção da Personalidade Psíquica" (1933), vemos que o Super-eu consiste então numa instância rígida do aparelho psíquico, continuadora da autoridade materna, paterna, de educadores e leis, e veículo de valores e tradições. Sobre isso, Freud nos diz que "via de regra, os pais e autoridades análogas, seguem na educação da criança, os preceitos de seu próprio Super-eu" (1933, p. 146). Percebemos que nesse processo de formação do Super-eu, a cultura é continuada. Tradições, valores, tudo é passado ao Super-eu, e posteriormente pelo Super-eu, como num ciclo, tendo sempre o social e o simbólico da tradição que é repassada, uma parcela na formação da subjetividade. Nas palavras de Freud: "A humanidade nunca vive inteiramente no presente; o passado, a tradição da raça e do povo prossegue vivendo nas ideologias do Super-eu" (1933, p.148). Desse modo, ao debruçarmos sobre o conceito do Super-eu, não acabamos por entender apenas o modo como o indivíduo se estrutura e constitui-se psiquicamente, mas também a forma como o simbólico é repassado de indivíduo a indivíduo através dessa instância psíquica que nos liga sempre a cultura a qual pertencemos. E, dessa forma, vemos que a cultura e o laço social fazem parte de toda a constituição possível do sujeito.

Em "Psicologia das Massas e Análise do Eu" (1921), Freud vai um pouco mais a fundo ao discorrer sobre o sujeito no grupo e na massa. E, ao longo desse texto, compreende-se melhor como a cultura, o semelhante e o grupo influenciam a constituição do sujeito.

Freud, ao iniciar esse texto, nos coloca que "na vida psíquica do sujeito individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo objeto, auxiliador e adversário, e, portanto a psicologia individual é, também (...) psicologia social" (1921, p. 10). Destarte, para avançarmos é necessário deixar para trás o conceito de sujeito como apartado do campo social, como alguém que se constrói sozinho e, posteriormente, após uma espécie de "desenvolvimento" faz-se apto a relacionar-se e comunicar-se com o outro e com a cultura em redor de si, e enxergar o sujeito como nascido exclusivamente a partir do contato com o semelhante, na inscrição de um primeiro traço mnêmico. Um semelhante que é, além de seu auxiliador e aquele que lhe investe um desejo, o seu oponente, seu adversário e sua principal fonte de sofrimento.

Em "O Mal Estar na Civilização", Freud (1930) nos apresenta as três principais fontes do sofrer humano, sendo elas nosso próprio corpo, o mundo externo e o outro. O corpo é apresentado nessa passagem como uma fonte de sofrimento por sua finitude, estando fadado ao fim, à destruição e ao declínio. Freud propõe ser o corpo uma fonte que nos traz sofrimento também por não poder ele mesmo fugir da dor e dos medos. O mundo externo constituiria outra das fontes principais do sofrer por seu caráter estranho e destruidor, podendo sobrevir-nos súbita e poderosamente de formas que não podemos alterar. A última das três fontes do sofrer humano por ele apresentadas, seria então o outro, a relação, o encontro com o semelhante, que exatamente por seu caráter incômodo, ambíguo e impassível de escapatória, é salientado como sendo a origem da mais dolorosa via de sofrimento. Assim, quando Freud nos diz que a relação com o outro constitui um sofrer que "experimentamos talvez mais dolorosamente que qualquer outro", sendo "tão fatidicamente inevitável quanto o sofrimento de outra origem" (1930, p. 31), ele nos transporta exatamente ao vislumbre do nível de influência e importância do outro para o sujeito.

Entende-se, a partir desses princípios, que o outro é o elemento principal da construção do psiquismo, da formação do sujeito e, ao mesmo tempo, a sua principal e mais dolorosa fonte de sofrimento. Percebemos então, guiando-nos por esse viés de pensamento lógico, que não há caminho ao sujeito que o faça escapar do sofrer em qualquer civilização ou tempo. Ainda nesse texto lemos, para reforço dessa ideia, que "parece fora de dúvida que não nos sentimos bem em nossa atual civilização, mas é difícil julgar se, e em que medida, os homens de épocas anteriores sentiram-se mais felizes, e que papel desempenharam nisto suas condições culturais" (FREUD, 1930, p. 47). Ou seja, como pontuamos inicialmente, na introdução desse artigo, o sofrimento é algo constituinte de todas as civilizações, e a ligação do homem com a cultura perpassa, além da condição originária do sujeito e de um lugar de

troca e satisfação, exatamente o viés do sofrimento, sendo natural, se possível pôr assim, a apresentação de sofrimento pelo sujeito.

Pós-Modernidade, Mudança e Individualidade: O ponto de vista sociológico

Zygmund Bauman em "Modernidade Líquida" (2000) nos apresenta uma sociedade transformada, caracterizada pela "fluidez" dos estados líquido e gasoso. Líquida na medida em que se "derretem" os ideais "sólidos" da modernidade fixa, imutável e catedrática, e se erguem novas e efêmeras ideias, que não mais carregam consigo a "solidez" da modernidade. Uma contemporaneidade impregnada de novos conceitos, de novas visões sobre antigos conceitos e de um olhar diferenciado sobre certos lugares sociais. Do ponto de vista de Bauman, na civilização pós-moderna, certas caracterizações como emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade, adquirem novos significados e afetam a vida do sujeito de forma diferente de como o faziam na era moderna. Portanto, ressaltaremos brevemente aqui, alguns pontos chaves da civilização pós-moderna do ponto de vista sociológico.

Quanto à organização da vida pós-moderna, vemos que "o fato de que a estrutura sistêmica seja remota e inalcançável, aliado ao estado fluido e não estruturado do cenário imediato da política-vida, (...) requer que repensemos os velhos conceitos que costumavam cercar suas narrativas." (BAUMAN, 2000, p. 15) Portanto, ao dar a qualidade "fluida" à nova organização da sociedade, Bauman nos mostra que a civilização pós-moderna se encontra em contínuo movimento, sendo o seu padrão a ausência de um padrão único. A civilização atual se apresenta então, prenhe de mudanças, isso observamos na dinâmica entre os conceitos de tempo/espaço, saúde/doença, certo/errado, saudável/não saudável, público/privado e em vários outros, que nem mesmo continuam a apresentar-se dicotomicamente. Porém, as mudanças pós-modernas não geram um paradigma fixo após sua transformação, mas constituem um estado perene de mudança que se instaura e faz com que tudo esteja sempre em constante e contínua mutação na sociedade. Numa explicação rápida e clara do lugar do estado de constante mudança na vida do sujeito pós-moderno, lemos então que "ser moderno significa estar em movimento" (BAUMAN, 1997, p. 92).

Essa nova dinâmica cultural e social observada na contemporaneidade impacta a vida do sujeito de forma diferenciada, já que entendemos o sujeito como alguém extremamente ligado ao plano social. Psicicamente, Bauman nos diz que "a modernidade trata (...) de a

existência ainda não se dar aqui, ser uma tarefa, uma missão, uma responsabilidade". (1997, p. 91) Frente ao conhecimento desses aspectos da presente organização da sociedade, discorreremos sobre o lugar do sujeito nesse plano em contínua mudança. Em que parcela a cultura pós-moderna o afeta? Há algo nessa relação que gere sofrimento?

Primeiramente, sobre a emancipação do sujeito, Bauman nos afirma que a "'sociedade' sempre manteve uma relação ambígua com a autonomia individual: era simultaneamente sua inimiga e sua condição *sine qua non*". (2000, p. 55) Na pós-modernidade, a emancipação é uma característica que está profundamente atrelada à individualidade, e o conceito de individualidade, na concepção desenvolvida por Bauman em seu renomado livro "Modernidade Líquida" (2000), está ligado diretamente à forma do sujeito buscar sua satisfação. Lemos então que "cabe ao indivíduo descobrir o que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os fins a que essa capacidade poderia melhor servir – isto é, com a máxima satisfação concebível". (BAUMAN, 2000, p. 81) Sébastien Charles – ao escrever sobre os tempos hipermodernos em parceria filósofo francês Lipovetsky – nos afirma que "a pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à liberdade individual se esboroam (...), dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio". (CHARLES e LIPOVETSKY, 2004, p.23) Ou seja, vemos que na pós-modernidade vigora a ideia de que a responsabilidade por construir-se, por satisfazer-se e sentir-se feliz, saudável e pleno, é somente do sujeito, não mais sendo vista talvez como um "direito", mas como uma obrigação pessoal de cada um. E sendo assim "o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos". (BAUMAN, 2000, p. 15)

Bauman nos deixa claro ao longo de toda a sua obra "Modernidade Líquida" (2000), que a marca registrada da contemporaneidade é uma visão do sujeito como "indivíduo", alguém que precisa buscar por si só sua satisfação, seu prazer, sua felicidade e uma "identidade própria". Assim, parece ser o sujeito um ser destacado do plano social, que dele deve extrair satisfação a todo custo sendo a todo tempo consciente e racional em sua busca ao longo da vida. A autossuficiência do homem, pregada exaustivamente pela mídia e ouvida constantemente nos discursos modernos, carrega consigo uma sensação de liberdade. O sujeito vê-se livre, posto que é só dele a responsabilidade de decidir por si. No entanto, Bauman postula que no meio disso há uma sensação de impotência e que "essa impotência é sentida como ainda mais odiosa, frustrante e perturbadora, em vista do aumento de poder que se esperava que essa liberdade trouxesse". (2000, p. 48) Não obstante, ao invés de sentir-se livre, o sujeito vê-se preso à responsabilidade e à obrigação de fazer-se feliz, saudável, culto,

ativo, bem sucedido e engajado na comunidade. Sendo assim, toda forma do sofrer lhe é vetada, afinal, a incompetência em satisfazer-se em todas as referidas áreas é considerada um fracasso pessoal. Essa reflexão faz então perguntar-nos: Há lugar para o sofrimento na pós-modernidade? Há algum acolhimento do mal-estar do sujeito na cultura hipermoderna?

Pós-Modernidade e mal-estar

Roudinesco nos diz em seu livro "Porque a Psicanálise?" (2000) que "a era da individualidade substituiu a subjetividade: dando a si mesmo a ilusão de uma liberdade irrestrita, de uma independência sem desejo, e de uma historicidade sem história". (2000, p.14) Ignorando a influência da cultura, o papel do sofrimento, o lugar do sintoma e o mal-estar intrínseco da relação com o outro, a sociedade contemporânea prega uma responsabilidade total do sujeito por fazer-se pleno e feliz, assim como por fazer-se triste e vazio. Roudinesco continua e diz ainda que "o homem de hoje transformou-se num contrário de um sujeito", alguém que "se toma por senhor de um destino cuja significação reduz-se a uma reivindicação normativa". (2000, pg. 14)

Se retornarmos a Freud em "O mal Estar na civilização" (1930), vemos que, muitas vezes ao longo do texto, ele nos pontua que o mal-estar e o sofrimento são arraigados a qualquer civilização em qualquer lugar ou tempo. É vazio o discurso pós-moderno de que cabe somente ao próprio sujeito acabar com seu sofrimento e alcançar uma suposta felicidade. O que está em jogo não é o sintoma apresentado, mas o mal-estar inerente à condição de sujeito. Em "Inibição, Sintoma e Angústia" (1926) ao falar da dinâmica entre impulsos instintuais e o sintoma, Freud nos remete ao fato de que "ao assim rebaixar a satisfação a um sintoma, a repressão mostra seu poder ainda em outro ponto". (1926, pg. 18) Baseando-nos assim na psicanálise de Freud, percebemos que o sujeito que faz sintoma de um modo, pode até mesmo empenhar-se e tamponar o escape de certo comportamento de sofrimento, mas esse sofrimento será retorno constante, e virá nas mais diferentes formas, até que o sujeito venha a se haver com o que lhe faz sofrer e que lhe está velado à consciência.

Observamos nesse retorno, dos mais diversos modos, do sintoma no sujeito pós-moderno, o grande paradoxo da atualidade – paradoxo esse observado e comentado não só por psicanalistas, mas por sociólogos e também por leigos. Vivemos uma civilização que prega a cada instante e insistentemente a qualidade de vida, a fuga do sofrimento, a segurança, o sucesso, a felicidade, a busca por saúde e por satisfação dos desejos, e, ao mesmo tempo,

uma sociedade contemporânea que padece dos "males da mente", do rápido alastre e da generalização epidemiológica da síndrome do pânico, da depressão e da sensação de vazio. Em "Tempos Hipermodernos" (2004), Sébastien Charles e Lipovetsky nos ressaltam o fato de que a "nossa sociedade da magreza e da dieta é também a do sobrepeso e da obesidade" (2004, pg. 21) e posteriormente levam sua observação adiante ao notar que os indivíduos, na hipermodernidade, "são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, (...) mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos". (2004, pg. 27) Ou seja, ao mesmo tempo em que, por um lado, crescem cada vez mais as formas de terminar o sofrimento, as tentativas de tamponá-lo, de extingui-lo, crescem também, por outro lado, os comportamentos de sofrimento, as doenças somatizantes, as depressões, síndromes do pânico, transtornos mentais ou como quer que se apresentem os sintomas pós-modernos de sofrimento psíquico.

A civilização contemporânea busca extinguir o sofrimento e abolir a noção do sofrer como algo natural antes mesmo de ela ser devidamente explorada. O sujeito hipermoderno é como um "super-homem" que deve dar conta de tudo a todo o momento. Fazer-se feliz e saudável, por esforço próprio, reconhecendo todo e qualquer sintoma de sofrimento como fracasso nesse objetivo.

Juntamente com o repúdio ao sofrer, observamos, na sociedade atual, um crescimento exponencial da prescrição de fármacos relacionados aos transtornos mentais — assim chamados pela psiquiatria. Marina Silveira de Rezende e Roberto Calazans, em brilhante observação acerca do uso do CID-10 e do DSM-IV, nos pontuam que temos na atualidade "uma abordagem operacional do sofrimento psíquico, em que ele é codificado em termos de uma classificação própria ao discurso médico que passou a ordenar a relação entre o sujeito, seu mal-estar e sua subjetividade" (2013, p. 166) Ao longo do desenvolvimento dos manuais psiquiátricos, a cada nova edição podemos ver nossos comportamentos mais cotidianos e mais corriqueiros inseridos em categorias e subcategorias de classificação, e, sendo assim, cada vez mais patologizados. A partir do uso mais frequente e mais amplo desse tipo de manual por inúmeros profissionais de saúde, a medicalização tornou-se cada vez mais popular, sendo amplamente difundida como forma de tamponar o sofrimento psíquico do sujeito pós-moderno. Calazans e Rezende nos dizem ainda que "a psicopatologia (...) visa estabelecer uma ordem no campo psíquico. Uma ordem, na qual todo e qualquer questionamento, ou todo e qualquer mal-estar seja considerado um transtorno a ser corrigido" (2013, p. 166- 167).

Refletimos então que, para a psicanálise, diferente das ciências médicas, o mal-estar psíquico do sujeito não é visto como algo sempre proveniente de fundo biológico, nem como algo que precise ser arbitrariamente medicado sem dar-se lugar à escuta da subjetividade, à demanda inconsciente do sintoma do sujeito. Entendemos com base em Calazans e Rezende (2013) que, dessa forma, a psicanálise acaba por tornar-se um obstáculo no caminho nosográfico pleiteado pela psiquiatria moderna, já que ela "aponta para a noção de que a psicopatologia é da ordem do sujeito, seja ele considerado normal ou não" (RESENDE e CALAZANS, 2013, p. 167).

O saber médico sempre foi voltado para o olhar, para o diagnóstico com base em comportamentos observáveis e, nesse sentido, Rogério Quintella (2015) nos traz uma exposição do desenvolvimento da "primazia do olhar" da medicina ao advento da psicanálise, que rompe com essa abordagem do sofrimento e opera segundo a "primazia da escuta". O olhar puramente pautado na observação anatômica da medicina, segundo Quintella (2015), tem sua origem no início do estudo do corpo humano. Origina-se na virada para o século XIX, com o fim dos tabus quanto ao estudo de cadáveres— que geravam uma quase anulação do papel do médico, pois esse não possuía conhecimento do corpo ou de suas doenças, sendo apenas um classificador de fenômenos superficiais. Ao longo da história e com os avanços das ciências e da medicina, portanto, o olhar acaba por consolidar-se como o principal e mais importante instrumento na classificação do normal e patológico na medicina. A psicanálise entra nesse campo para questionar a "primazia do olhar" e dar lugar à escuta do sujeito, não mais o reduzindo a seu comportamento classificável, estático e generalista, mas criando um espaço e um aparato teórico que, ao invés de tentar lhe extirpar o sofrimento, sustente o encontro do sujeito com o mal-estar que lhe é constituinte.

Tanto Roudinesco (2000) quanto Quintella (2015), falam acerca da "explosão" da histeria na Viena do final do século XIX atrelada a precariedade do olhar médico vigente. Entendemos, à partir de Quintella, que o grito do corpo da histérica é um grito que contesta o saber médico. "O corpo da histérica atesta a precariedade da autoridade paterna na relação ao Outro, característica do sujeito moderno. Ela vem com sua contestação à impotência paterna, 'denunciar' a falta de saber do médico sobre o corpo" (QUINTELLA, 2015, p.8). Permitimo-nos assim, fazer uma comparação entre a histeria característica do fim do século XIX, sintoma da sociedade vienense, e a grande epidemia de depressões, síndromes do pânico e transtornos de ansiedade vistos na pós-modernidade. O sujeito pós-moderno não sofre em razão da cultura, não estabelece com a cultura essa simples relação de causa e efeito por muitos

teóricos pregada exaustivamente como elemento de base de uma visão apocalíptica da pós-modernidade. O sujeito pós-moderno, no entanto, faz sintoma como denúncia a esse olhar médico que não dá lugar à sua subjetividade, quando, ao passo que lhe nomeia dono de uma irreal liberdade, medica-lhe ao menor sinal de sofrimento psíquico. Quintella (2015) nos diz assim, que, desde Freud, a psicanálise, por dar exatamente lugar a essa subjetividade e ao elemento inconsciente que nos guia a vida, coloca-se na contramão da cultura da medicalização e do silenciamento da via psíquica.

Na sociedade pós-moderna o sujeito é dito responsável por todos os seus fracassos e sucessos e, espera-se dele ser conscientemente responsável tanto por sua felicidade quanto por seu sofrimento. Seu mal-estar – este constituinte da civilização e do sujeito e impossível de ser extirpado – é então catalogado e diagnosticado através de fenômenos observáveis classificados em categorias de CIDs e DSMs, excluindo-se a causalidade psíquica e reduzindo o sofrimento psíquico ao campo da anatomia. E assim, o sujeito tem seu sofrimento abafado, tanto pela recusa médica à escuta da demanda inconsciente de seu sintoma, quanto pela medicalização arbitrária que, ao oferecer-lhe alívio rápido e indolor, apaga do sujeito sua subjetividade, reduzindo-lhe a um de muitos subitens num manual psiquiátrico.

Calazans e Lustoza (2014) nos expõem o fato de que a farmacologia não está – e nem deveria estar, pois não lhe deve ser exigido cumprir esse papel – a serviço do sujeito. Esse tipo de ciência prioriza estudos e intervenções orgânicas e bioquímicas, sem compreender em sua prática nada que diga respeito à interação do sujeito com suas formas de gozo ou sua relação com o Outro. Assim, entendemos que o que está em questão não é uma oposição da psicanálise ao tratamento farmacológico ou à atuação da medicina na tentativa de reduzir o sofrimento do sujeito, "mas de se opor ao uso abusivo desse recurso sem a consideração de que ele deve ser acessório, mas não um substituto para a clínica do sujeito" (CALAZANS e LUSTOZA, 2014, p.15).

Os manuais diagnósticos tentam a cada página isolar o sujeito de seu sofrimento, seja exaustivamente tentando demarcar possíveis causas orgânicas para seu mal-estar, seja classificando-o por seu comportamento sem incluir a dimensão psíquica em seu diagnóstico. No entanto, não é possível uma exclusão do sujeito de seu próprio sofrimento quando o seu tratamento, seu processo diagnóstico, seu "transtorno" ou o que seja, perpassa exatamente a sua dimensão. Quanto a isso, entendemos que "não é que os manuais não tratem do sujeito, mas, ao pretender excluí-lo, ele retorna como um resto ineliminável" (CALAZANS e LUSTOZA, 2014, p.16-17).

O mal-estar é inextirpável da vida em sociedade, seja ela moderna ou pós-moderna, e qualquer que seja o sintoma apresentado pelo sujeito. Não há como ignorar, então, a noção de sujeito— e todas as formas de estruturação que lhe são possíveis psiquicamente— para a formulação de um diagnóstico, como se tenta fazer atualmente. Entendemos assim, nos apoiando nas noções de Calazans e Lustoza (2014), que essa tentativa, muitas vezes, prova-se danosa em suas consequências no desenrolar de um tratamento, que pode, em razão disso, nem mesmo vir a tornar-se um tratamento em si. Afinal, percebemos que muitos erros nos parâmetros diagnósticos tem relação com uma "concepção equivocada de tratamento, já que (...) está amparado numa perspectiva biologizante", e que assim, "o resultado é a aplicação de medicamentos em situações que necessitariam de uma dimensão de elaboração subjetiva" (CALAZANS e LUSTOZA, 2014, p.24).

Considerações Finais

Ao estudar e questionar o sofrimento do sujeito e as transformações no modo de vida pós-moderno, é difícil não se entregar à visão "apocalíptica" de declínio da vida em sociedade que é pregada por alguns autores do campo sociológico. No entanto, enxergamos através desse artigo, o quão presente o mal-estar e o sofrimento sempre estão e estiveram do sujeito e da cultura. Entendemos através do estudo da teoria freudiana do complexo do próximo e dos apontamentos acerca da constituição do Super-eu, que a psique humana é constituída através do contato com o próximo, que ao representar a cultura e o plano social, nos inscreve o primeiro traço de memória, formando assim o psiquismo. O contato com o Outro, nos é então, desde esse primeiro momento, um elemento de satisfação e mal estar. O contato com a mãe, para o bebê, cheio de ambiguidade, oscila na divisa entre o prazer – com o contato, o calor, o alimento e inúmeras outras possibilidades – e a invasão, o incômodo, a dor, evidenciando a impossibilidade de um encontro harmonioso entre o sujeito e o outro, o sujeito e a cultura.

Passamos também a entender a forma como o social se apresenta de forma continuada no Super-eu do sujeito, que reúne as autoridades parentais e figuras de importância na formação dessa instância que age como bússola moral do sujeito.

Em todo o momento enxergamos a cultura, o laço social e o encontro com o outro como sendo fonte de satisfação, reconhecimento e mal estar. E através da leitura de uma das mais proeminentes obras de Freud, "O mal estar na civilização", passamos a entender o mal-estar

como algo arraigado e constituinte de qualquer cultura, e, portanto, inextirpável dela e do sujeito.

Discutimos então a pós-modernidade nos apoiando em Bauman e Lipovetsky para entender a nova organização social, pautada na mudança constante e na noção de "identidade" e "individualidade" da vida hipermoderna. Entendemos o sujeito, dentro desse contexto sociológico, como alguém que deve ser, pois se trata de um imperativo, bem sucedido, saudável, ativo e culto a qualquer custo, e cujas aspirações de ser o melhor que pode ser o levam a portar-se como um super-homem. Ao mesmo tempo em que, em tese, tal postura lhe aparece como uma aspiração de sua liberdade, o sujeito é, pelos imperativos da cultura, impelido a realizar seus ditames. Bauman nos mostra que a pós-modernidade espera do sujeito que ele seja algo que nunca chega, algo que ele deve sempre buscar ser, assim, sua identidade "permanece obstinadamente à frente: é preciso correr esbaforidamente para alcançá-la". (1997, p.91) Destarte, abordamos o sujeito pós-moderno como um sujeito em constante movimento, um sujeito que corre "esbaforidamente" atrás de um encontro consigo, e que de tanto correr, eventualmente fatiga-se.

Assim, em meio a todas as exigências pós-modernas, o sujeito sofre e é catalogado a revelia de sua estruturação subjetiva, sendo visto como mais um item numa busca anatômica frenética por relações de causa e efeito. Desse modo, o sujeito é medicado rápida e eficientemente na tentativa de se tamponar um mal-estar que lhe é constituinte, formador e inextirpável.

Vemos assim, que a medicalização de um sujeito o excluí, pois nada foi perguntado sobre seus conflitos, gerando um "novo homem, polido e sem humor, esgotado pela evitação de suas paixões, envergonhado por não ser conforme ao ideal que lhe é proposto" (ROUDINESCO, 2000, p.21) O sujeito pós-moderno se apresenta para nós, dessa maneira, como alguém a quem lhe é culturalmente negado a todo momento se haver com suas questões, sua subjetividade e com as peculiaridades de seu mal-estar, a quem torna-se impossível construir vias de satisfação menos danosas que o sintoma. A psicanálise relembra que o mal-estar é parte integrante de sua constituição psíquica, não podendo ser extirpado, como na tentativa contemporânea, sempre fracassada.

Concluindo, nos remetemos a Bauman, que em seu livro "O mal estar da pós-modernidade" (1997, p.104), nos coloca que:

No decorrer da longa, tortuosa e intrincada marcha da modernidade, devíamos ter aprendido a nossa lição: que o transe existencial humano é incuravelmente ambivalente, que o bem está sempre combinado ao mal, que é impossível traçar com

segurança a linha entre a dose benigna e a venenosa de um remédio para as nossas imperfeições. Devíamos ter aprendido essa lição. Mas quase nunca o fazemos.

Enxergamos ao fim desse artigo que o lugar do sofrimento psíquico do sujeito atual encontra-se irremediavelmente ligado a um sintoma cultural. O sujeito sofre de todos os lados e, por todos os lados o medicam, o restringem e o julgam, não lhe escutando a demanda, nem lhe abrindo espaço para uma significação subjetiva do sofrimento que lhe aflige. É então, dentro desse contexto contemporâneo de boom do pânico, das síndromes ansiosas, bipolaridades e depressões, que nos propomos, através da psicanálise, não somente a enxergar a grande "epidemia" de "transtornos mentais" com um olhar diferenciado, mas a escutá-la. Entendendo-a assim, como o retorno sintomático de um mal-estar que é integrante do sujeito, mas vem sendo a todo o momento impelido ao recalque, negado, tamponado e abafado, tanto por prescrições farmacológicas arbitrárias, quanto por discursos excludentes de qualquer noção de causalidade psíquica que reduzem o sujeito ao que dele pode ser observado, catalogado e "curado" imediata e eficazmente.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAUMAN, Zygmund. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CALAZANS, Roberto & LUSTOZA, Rosane Zétola. A Medicalização do Psíquico: O uso do termo psicose nos manuais diagnósticos estatísticos. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v.46.1, p.11-16, 2014.

CALAZANS, Roberto & REZENDE, Marina Silveira. Neurose e Psicose na CID-10 e DSM-IV: o que é ignorado? **Analytica Revista de Psicanálise**, São João del-Rei, v.2, n.3, p. 145-174, Jul./Dez. 2013.

FREUD, Sigmund. A Dissecção da Personalidade Psíquica. Em: FREUD, S. **Obras Completas** Volume 18: O Mal Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos (1930-1936). São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Inibição, Sintoma e Angústia, Em: FREUD, S. **Obras Completas** Volume 17: Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de uma Ilusão e Outros Textos (1926-1929). São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo. Em: FREUD, S. **Obras Completas** Volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos. (1914-1916). São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O Mal Estar na Civilização. Em: FREUD, S. **Obras Completas** Volume 18: O Mal Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos (1930-1936). São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e Análise do Eu. Em: FREUD, S. **Obras Completas** Volume 15: Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos (1920-1923). São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles & CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo, Barcarolla, 2004.

QUINTELLA, Rogério. Do primado do olhar ao primado da escuta: o declínio do pai e o corte epistemológico freudiano. **Clínica & Cultura**, São Cristóvão, v.IV, n.1, p.3-13, jan/jun. 2015.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

SIRELLI, Nilda Martins. **O trabalho de luto e a potência do esquecimento**. 2014. 157f. Tese (Doutorado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

THE MEDICALIZATION OF DISCONTENT: PSYCHOANALYTIC LISTENING AS A FORM OF RESISTANCE

ABSTRACT:

We discuss, throughout this article, the place of the suffering observed in contemporary times, its relation with the culture and with the psychic constitution of the subject. First of all, we analyze the Freudian theory on the construction of the psychic apparatus, situating the place of the other as founder of the psyche and, later on, we present a sociological view of postmodernity and its main characteristics. We, then, present a debate over the medicalization of the postmodern subject and its constituent discontent as a way to situate the suffering of the subject in contemporary culture.

KEY-WORDS: postmodernity, discontent, medicalization, listening

LA MÉDICALISATION DE LA SANTÉ ILL: ÉCOUTE PSYCHANALYTIQUE COMME UN MODE DE ENDURANCE

RÉSUMÉ:

Nous avons discuté tout au long de cet article , le lieu de la souffrance observée dans le monde contemporain, sa relation à la culture et la constitution psychique du sujet. Premièrement, nous analysons la théorie freudienne de la construction de l'appareil psychique , plaçant la place de l'autre en tant que fondateur de la psyché et de présenter ensuite une vue sociologique de la postmodernité et ses principales caractéristiques. Ensuite, nous présentons une discussion sur la médicalisation du sujet postmoderne et le malaise qui est son constitutif comme un moyen de placer la souffrance du sujet dans la culture contemporaine.

MOTS-CLÉS: La postmodernité. Malaise. Médicalisation. Écouter.

Mylena Perez e Nilda Martins Sirelli

Recebido em: 18-10-2015

Aprovado em: 22-11-2015

©2015 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista